



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

UMA DONA GALEGA CHAMADA TERESA: A *DAMNATIO MEMORIAE* DA MÃE DE D. JOÃO I NAS CRÔNICAS DE FERNÃO LOPES, GOMES EANES DE ZURARA E RUI DE PINA

Jerry Santos Guimarães

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: jerryguima@gmail.com

Marcello Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

INTRODUÇÃO

O rei português D. Fernando, filho de D. Pedro I, morreu em 1383 sem deixar filho varão. A herdeira era, pois, sua filha Beatriz, esposa do rei castelhano D. Juan I. Havia, contudo, outros pretendentes que também se diziam herdeiros legítimos do trono de Portugal: D. João e D. Dinis, filhos de D. Pedro I com a célebre D. Inês Castro. É que D. Pedro I jurara em documento lavrado por tabelião que havia se casado secretamente com a dita Inês, legitimando assim os filhos desta relação (LOPES, 1977, p. 117-126; 2004, p. 547-551; PIMENTA, 2005, p. 145-146, 185-186).

O rei D. Pedro I tivera ainda um outro filho bastardo, um outro João, fruto de sua relação com uma dona galega chamada Teresa Lourenço, de quem muito pouco se sabe. Ignora-se até se ela era nobre ou plebeia (COELHO, 2005, p. 16, nota 2). Este D. João, Mestre de Avis, veio a ser o novo rei de Portugal, eleito pelos procuradores dos três estados do reino nas cortes de Coimbra de abril 1385, culminância de um processo revolucionário iniciado um ano e meio antes. Naquele parlamento o doutor João das Regras defendeu a causa do Mestre contra seus meios-irmãos. Os argumentos estão lá, naquela que é considerada por muitos a obra-prima de Fernão Lopes, a *Crónica de D. João I* (1983a, p. 386-424).

Deste modo, a Casa Real de Avis, que governou o reino de Portugal durante praticamente dois séculos (1385-1580), era uma dinastia bastarda em sua origem. Eis uma verdade ao mesmo tempo simples e dura com a qual tiveram de conviver especialmente os seus primeiros monarcas. Era algo, portanto, que se convinha esquecer. Para tanto, e ao mesmo tempo para construir uma memória gloriosa sobre a



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

nova dinastia, D. João I e seus sucessores se valeram dos mais diversos meios: escritos morais e pedagógicos, festas e cerimônias públicas, leis, templos, túmulos, divisas, intitulações, selos, bandeiras, moedas e a escrita da história, dentre outros. Essas diferentes estratégias faziam parte de um mesmo projeto de memória e de esquecimento (GUIMARÃES, 2019, p. 68-108). Ora, uma vez que a bastardia da dinastia avisina principiava na mãe do seu fundador, era necessário que se promovesse o esquecimento da galega D. Teresa Lourenço. Foi o que fizeram os três primeiros cronistas oficiais da corte avisina: Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina.

METODOLOGIA

D. Duarte, segundo rei avisino, criou oficialmente o cargo de cronista-mor em 1434 e o entregou a Fernão Lopes, incumbindo-o de “poer em caronyca as estorias dos Reys que antygame em portugal foram Esso meesmo os grandes feytos e altos do muy uertuoso E de grãdes uertudes ElRey meu Senhor padre [D. João I]” (apud SERRÃO, 1972, p. 42). Lopes deveria, pois, escrever as histórias dos reis da primeira dinastia portuguesa, a de Borgonha, e a do fundador da nova dinastia, a de Avis. Esta grandiosa tarefa viria a ser continuada por seus sucessores no cargo de cronista-mor.

Deste modo, os primeiros cronistas avisinos em algum momento teriam de tratar da ascendência bastarda de D. João I. Nossa metodologia consistiu basicamente em identificar na crônica de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina as passagens em que estes autores fazem menção à origem familiar do chamado *Rei de Boa Memória* para que pudéssemos analisar como foi tratada a espinhosa questão de sua bastardia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos desde já que Fernão Lopes cita uma única vez o nome da mãe de D. João I, o que é feito na *Crônica de D. Pedro*. Lemos no seu primeiro capítulo que D. Pedro, após a morte de D. Inês de Castro, não quis mais se casar, “mas houve amigas com que dormiu e de nenhuma houve filhos, salvo de uma dona, natural de Galiza, que chamaram Dona Teresa, que pariu dele um filho que houve nome Dom João, que foi mestre de Avis em Portugal e depois rei” (LOPES, 1977, p. 46, grifo nosso). É basicamente o que escreve o terceiro cronista-mor avisino, Rui de Pina, no capítulo LXI



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

da sua *Chronica d'elrei D. Affonso IV*, onde o autor elenca os filhos que o rei D. Pedro teve, e de que mulheres. Nas palavras de Pina: “ o dito Rey Dom Pedro [...] ouue de huma Dona Tareja natural de Galiza Dom Ioaõ seu filho bastardo” (PINA, 1977, p. 461-462).

O nome de D. Teresa, contudo, não será novamente evocado por nenhum cronista da corte de Avis. Fernão Lopes até que volta a se referir à mãe de D. João I, mas de forma impessoal. No penúltimo capítulo da *Crónica de D. Pedro* Lopes narra como o pequeno D. João foi armado cavaleiro e feito mestre de Avis por seu régio pai. Ali o cronista lembra a seus leitores e ouvintes que D. Pedro “houve um filho duma dona a que chamaram Dom João” (LOPES, 1977, p. 163). Como se pode perceber, o nome de D. Teresa foi desta vez propositadamente omitido.

O rei D. Afonso V, desejoso que estava de que fosse continuada a história de seu avô, D. João I, escolheu a Gomes Eanes de Zurara como segundo cronista-mor do reino. Na sua *Crónica da Tomada de Ceuta*, também conhecida como *Terceira Parte da Crónica de D. João I*, Zurara faz referência à ascendência do *Rei de Boa Memória*. No nono capítulo desta obra, Gomes Eanes de Zurara narra como D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, filhos do rei D. João I, se mostraram desejosos de filhar honra na conquista de Ceuta, derramando sangue de “infiéis”. Esta seria a ocasião ideal para serem armados cavaleiros. D. João I, no entanto, se mostrava indeciso sobre a viabilidade do empreendimento. Na pena de Zurara os infantes da chamada *Ínclita Geração*, querendo convencer o pai de que ele deveria tomar Ceuta, argumentam que guerreando os mouros D. João I estaria seguindo “a boa intenção dos bem-aventurados reis de Espanha *de cuja linhagem descendeis por real geração*” (ZURARA, 1992, p. 59, grifo nosso). A ascendência e o alto sangue de D. João I, portanto, só são invocados pelo seu lado régio, ou seja, o paterno.

A segunda referência zurariana à origem familiar do fundador da dinastia avisiniana igualmente silencia o nome de sua mãe. Os capítulos II a VII da *Crónica de Guiné* formam o panegírico escrito por Zurara ao infante D. Henrique, a quem esta obra é dedicada. No terceiro capítulo – o mais curto deles, atente-se para este fato – o cronista “conta a geração de que descende o infante D. Henrique”. A provar que seu protetor tem “o mais nobre e mais alto sangue da Cristandade”, Zurara escreve que D. Henrique é filho de rei (D. João I) e de rainha (D. Filipa de Lencastre); neto, pela via materna, de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

um príncipe e duque (John of Gaunt, ou João de Gante, duque de Lancaster, quarto filho do rei inglês Edward III); e sobrinho de rei (Henry IV, irmão de D. Filipa). Na reconstituição da linhagem nobre do infante D. Henrique, portanto, o cronista dá mais atenção ao seu lado materno Plantageneta do que ao paterno. Se de D. Filipa Zurara fala quem são seu pai e seu irmão legítimos, sobre D. João I o cronista prefere ressaltar seus feitos – vitória na Batalha de Aljubarrota e conquista de Ceuta – e calar o fato delicado de ele ser filho bastardo do rei D. Pedro I. O motivo? Deixemos que o cronista responda: “*E isto, como disse, toco sob brevidade, porque se o mais largo declarar quisesse, abalaria tantas materias, que por qualquer delas que quisesse seguir o necessario, faria tamanha detença, que tarde tornaria ao primeiro começo*” (ZURARA, 1973, p. 19-20, grifo nosso). Deste modo, Zurara invoca o imperativo da brevidade na escrita para silenciar sobre as “avoengas do padre” de D. Henrique. Prefere não ‘abalar tantas matérias’ para não prejudicar – e essa é a justificativa do cronista – a clareza do seu discurso.

Na *Crónica da Tomada de Ceuta* Zurara já havia incensado o fato de D. Filipa de Lencastre, esposa de D. João I, ter nascido “da mais alta geração, que havia entre todos os príncipes cristãos” (ZURARA, 1992, p. 168). Também Fernão Lopes já havia elogiado na segunda parte da sua *Crónica de D. João I* a linhagem da rainha inglesa de Portugal, destacando tanto a ascendência de seu pai, João de Gante, quanto de sua mãe, D. Branca, “filha herdeira do muito homrrado e exçelemte principe dom Amrique, Duque dAlemcrasto, huñ senhor muy riquo e dalto linhagem e em autos de cavalaria muy famoso” (LOPES, 1983b, p. 210-211). Tantos elogios à ascendência dos avós maternos dos infantes da *Ínclita Geração* contrastam com o eloquente silêncio a respeito de sua avó paterna, a galega D. Teresa.

CONCLUSÕES

A *damnatio memoriae* da galega D. Teresa Lourenço produzida pelos cronistas avisinos era necessária à concomitante construção da “boa memória” de seu filho D. João I e dos seus sucessores no trono. Afinal, como explica Paul Ricoeur (2007, p. 455-457), memória e esquecimento não se reduzem a oposições binárias, mas coexistem e participam da constituição um do outro. O esquecimento tem assim uma função importante no realce do que é escrito, ou lembrado. E assim é que, se D. João I, apesar



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

de bastardo, ficou conhecido pela alcunha de *Rei de Boa Memória*, é também porque seus cronistas fizeram uso de um “bom esquecimento”, o que implicou, dentre outras estratégias, no sutil apagamento do nome, da ascendência e da história de D. Teresa.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de Memória e de Esquecimento; Dinastia de Avis; D. João I; Historiografia Medieval; Literatura Portuguesa.

REFERÊNCIAS

COELHO, Maria Helena da Cruz. **D. João I: o que re-colheu Boa Memória**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

GUIMARÃES, Jerry Santos. **“De qualquer outro do povo escrevera seu feito, se o achava em merecimento”**: memória e esquecimento da “gente miúda” nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara. 552 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

LOPES, Fernão. **Crônica de D. Fernando**. 2. ed. Edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2004.

_____. **Crônica de D. Pedro**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

_____. **Crônica de D. João I**. v. I. Com uma introdução de Humberto Baquero Moreno e um prefácio de António Sérgio. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983a.

_____. **Crônica de D. João I**. v. II. Edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983b.

PIMENTA, Cristina. **D. Pedro I**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

PINA, Rui de. **Chronica d’elrei D. Affonso IV**. In: _____. **Crônicas de Rui de Pina**. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão Editores, 1977. p. 319-476.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **A historiografia portuguesa: doutrina e crítica**. v. I. Séculos XII-XVI. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crônica da tomada de Ceuta**. Introdução e notas de Reis Brasil. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

_____. **Crônica de Guiné**. 2. ed. Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1973.